

ARTE E RESISTÊNCIA JUNTO AOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE MANAUS NA INTERVENÇÃO URBANA “NINGUÉM PODE AMANHÃ”

Acadêmico: Denner Augusto Corrêa Costa

Orientadora: Vanessa Benites Bordin

RESUMO: Este artigo analisa as problemáticas e as descobertas do processo de criação do espetáculo *Ninguém Pode Amanhã*, do coletivo *Bela Baderna* de Teatro, na forma de *intervenção urbana*, em diálogo com os grupos sociais da cidade de Manaus que atualmente tem como mote de atuação o grito “Fora Temer”, são eles: coletivo *Rosa Zumbi*, Levante Popular da Juventude e a Frente de Lutas Fora Temer Manaus.

ABSTRACT: This article analyzes the problematic and discoveries of the show's creation process *no one can tomorrow*, from the *Bela Baderna* collective of theatre, in the form of urban intervention, in dialogue with the social groups of the city of Manaus who currently has as the motto of acting the Shout "out Fear ", they are: collective *Rosa Zumbi*, folk uprising and the front of fights outside fear Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: ARTIVISMO – INTERVENÇÃO – MOVIMENTOS SOCIAIS.

KEYWORDS: ARTIVISM – INTERVENTION – SOCIAL MOVIMENTS

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste artigo baseia-se na relação entre o coletivo de teatro chamado *Bela Baderna* e a militância manauara durante o período de manifestações contra as medidas consideradas abusivas do presidente Michel Temer e seus aliados. Tendo em vista que o diálogo entre teatro e questões sociais é presente em toda sua história, levando em consideração, por exemplo, a comédia grega, na qual eram satirizados os opressores, ou o teatro popular da idade média, onde as críticas às opressões sociais também compunham a dramaturgia, ou Bertolt Brecht e seu trabalho com o teatro épico diante do símbolo de opressão nazista Adolf Hitler, ou ainda, no Brasil, onde o teatro enfrentou a ditadura militar, com nomes bastante conhecidos, como de Augusto Boal, Amir Haddad, entre outros, é importante o registro e entendimento que como se dá esse diálogo atualmente.

Em Manaus, tal qual em outras regiões do país, estão presentes grupos sociais de militância como o Levante Popular da Juventude que trabalham com *Agitprop* (Agitação e Propaganda), cujo significado é a busca de linguagens de expressão em massa para agitar, denunciar e fomentar a indignação popular. Esses coletivos pesquisam arte de forma independente e, se levamos em consideração a não formação acadêmica, amadora. Conhecem Augusto Boal e seu trabalho com não-atores no teatro do oprimido e apropriam-se de seus métodos em oficinas nas comunidades de periferia. Ora, se o trabalho com teatro já é presente entre a militância manauara e um coletivo da mesma cidade resolve trabalhar com arte e resistência política, quais as fronteiras distancias essas duas realidades? Além disso, quando estes grupos sociais se unem em uma frente de lutas, se torna imprescindível o fim de qualquer barreira de diálogo.

Enquanto um dos diretores e atores deste processo criativo, eu fiz registros através de diários de bordo, fotos e vídeos. Assim como a memorização da experiência do que é fazer parte de uma grande luta, em manifestações populares, diante de um importante momento histórico. Participando do processo, pesquisando experiências anteriores do teatro político, experimentando a pedagogia do teatro, apresentada a mim durante a formação no curso de bacharelado em teatro da Universidade do Estado do Amazonas. E dentro dos processos das manifestações, buscamos contribuir para o engrandecimento da presença artística.

COLETIVO BELA BADERNA: Por que *Artivistas*?

O coletivo Bela Baderna de Teatro surgiu no primeiro semestre de 2017, durante o processo de criação da intervenção urbana “Ninguém pode amanhã”. Este é formado pelos pesquisadores artistas Denner Corrêa, Quezia Araujo e Pricilla Conserva, bacharelados em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Daniel Bomfim, estudante de letras do Centro Universitário do Norte (UNINORTE) e pesquisador em música. O nome é baseado na obra *Beautiful Trouble: A Toolbox for Revolution*(2012), de Andrew Boyd e Dave Oswald Mitchell, a qual narra diversas situações em que o povo precisou revolucionar e de que forma a fez, sendo algumas destas direcionadas por grandes nomes do Teatro como Bertolt Brecht e Augusto Boal.

Durante a disciplina “Análise do Espetáculo II” - ministrada pela Professora Mestra Vanja Poty - que tinha por objetivo instigar a construção de um projeto poético visando nossas montagens cênicas de conclusão de curso - fomos convidados a unir nossos anseios individuais enquanto artistas formando grupos a partir de inquietações semelhantes para que pensássemos nossas poéticas de criação. Deste modo, em nossos projetos, ficou claro o quanto queríamos manter nosso fazer artístico vinculado ao momento histórico do país, nossa maior inquietação do momento, porque afeta diretamente nossas vidas enquanto cidadãos artistas brasileiros.

Na Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT), já havíamos experimentado alguns atos interventivos, como o evento chamado de *Transvest Week*, no segundo semestre de 2015 (imagem abaixo), onde nos vestimos com roupas da identidade de gênero diferente do nosso padrão habitual. Uma proposta que partiu da inquietação causada pela retaliação ao modo de se vestir feita por alguns membros da universidade.



Transvest Week ESAT/UEA
Fonte: Acervo pessoal

A intervenção aconteceu no espaço da universidade, mesmo lugar onde aconteceram as problemáticas que provocaram sua origem. Os envolvidos eram os mesmos que participaram das discussões sobre o modo de se vestir dentro da universidade e os padrões de

gênero a serem seguidos. Deste modo, a intervenção tinha relação direta com o lugar, pois a proposta era apresentar o trabalho diretamente aos opressores.

Podemos entender através da perspectiva de pesquisadores como Jaques Rancière que a relação entre arte e política é intrínseca.

[...] a arte não é política antes de tudo pelas mensagens que ela transmite nem pela maneira como representa as estruturas sociais, os conflitos políticos ou as identidades sociais, étnicas ou sexuais. Ela é política antes de mais nada pela maneira como configura um sensorium espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de... Ela é política enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. Porque a política, bem antes de ser o exercício de um poder ou uma luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de “ocupações comuns”; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas, etc. Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política. (RANCIERE, 2011, p.2)

A forma que essa relação se dá pode variar em potência, podendo ser muito mais potente através de um discurso que busque reflexões políticas para a sociedade onde ela se apresenta. Ora, se a prática artística já é um ato de resistência dentro da sociedade, quando essa prática se faz em nome de outras resistências, em temáticas que envolvem opressões – como LGBT’s, negros, mulheres, imigrantes, pessoas de baixa renda, deficientes físicos, deficientes mentais, idosos, pessoas com aparência fora dos padrões de beleza - essa relação se torna maior, ou seja, além de modificar o espaço onde ela está inserida, pois ela também pode modificar os sujeitos ali presentes, inquietar, agitar, denunciar e abrir portas para debates de interesses coletivos. Além disso, quando escolhemos ser artistas e associar nossos trabalhos aos nossos questionamentos enquanto membros de uma organização social, por uma arte que fala por nós, questionando as relações de poder, propõe-se uma relação ainda mais potente entre Arte e Vida. Sendo assim, no momento em que idealizamos atos artísticos em resistência à opressão que sofremos dentro da universidade, experimentamos o que posteriormente referenciaríamos através do conceito de ARTIVISMO.

Em março de 2016, anunciada a suspensão do governo Dilma e a nomeação de Michel Temer como presidente interino, este decretou o fim do ministério da cultura (MinC), das

mulheres, negros, direitos humanos e outras minorias¹. Assim, mudando completamente o plano de governo eleito nas urnas e dando início a uma fase de retrocessos históricos e ganhando o apelido de “governo ilegítimo” ou “governo golpista”. A partir da extinção do Ministério da Cultura, a classe artística foi diretamente afetada em todo país, e, como artistas, não podíamos ficar calados. Neste contexto, surgiu um ato unificado entre as artes na unidade: o Palco Manifesto. Este aconteceu em frente à ESAT, promovido por um grupo de alunos, dentre eles Leonardo Scantbelruy, Tainá Lima e Daniel Bomfim. O objetivo era convidar para que as pessoas interessadas se manifestassem da forma artística.



Apresentação no tecido com acompanhamento em baixo com Daniel Bomfim e Leonardo Scantbelruy
Fonte: Página do evento no *Facebook*

A arte resistiu em todo o país, em todas as suas vertentes aconteceram notórias participações. Na imagem acima, podemos ver uma apresentação de balé aéreo, na qual Leonardo Scantbelruy dança em um tecido, mesmo que em um local improvisado, mas diante de uma das ruas de Manaus onde mais transitam carros e ônibus. Essa apresentação chamava atenção dos transeuntes que paravam para assistir, mesmo os que estavam de ônibus, estes aproveitavam o semáforo fechado, onde paravam por alguns segundos, para olhar atentamente. A arte modificou o espaço, agitou e denunciou o que estava acontecendo.

¹ A palavra minoria é usada neste artigo no sentido da subordinação socioeconômica, política ou cultural, em relação a outro grupo, que é dominante em uma dada sociedade.

Após a repercussão negativa, o governo voltou atrás em relação à extinção do MinC, mas continuo propondo medidas de retrocesso. Propostas de redução de direitos trabalhistas e investimentos em educação e saúde começaram a tramitar rapidamente, gerando campanhas entre parlamentares a favor ou contra. Logo, nosso dia a dia passou a ser contaminado por conflitos ideológicos justificados pela necessidade de “salvar o futuro do país”. Assim, artistas ou não, ainda estávamos correndo risco enquanto membros da sociedade brasileira. Inquietos, sentimos a necessidade de voltar nossos processos criativos a este momento histórico.

O MOMENTO HISTÓRICO DA INTERVENÇÃO: Por que gritam “Fora Temer”?

O Brasil, país onde vivem todos os idealizadores deste processo e onde ele deve ser apresentado, está passando por um momento de agitação histórica, no qual parlamentares se unem para retirar direitos conquistados em lutas passadas de outros momentos históricos, conforme afirma Graça Costa:

Vivemos um golpe contra o povo trabalhador. Uma reforma da previdência elevando a idade mínima para a aposentadoria e desvinculando o piso previdenciário do salário mínimo. Uma reforma trabalhista que aprova a prevalência do negociado sobre o legislado, transformando em questão de tempo o fim dos direitos consagrados na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). (COSTA, 2016, p.9)

As mudanças afetam diretamente nossas vidas enquanto membros da sociedade brasileira legislados pelos autores dessas reformas. Em uma perspectiva *artivista*, deve ser este o elemento provocador do nosso ato criativo. o diálogo proposto é de interesse de todos, para além dos muros da Universidade do Estado do Amazonas, lugar onde a montagem cênica foi proposta na forma de trabalho de conclusão de curso. Portanto, o meio urbano não dedicado ao teatro contempla a ideia de apresentação para um público não necessariamente das artes, referindo-se aos frequentadores dos espaços artísticos da cidade de Manaus, mas aos cidadãos em geral, incluindo estudantes e trabalhadores que transitam pelo espaço escolhido. Nesse contexto, a discussão, considerada necessária e urgente devida tramitação de tais propostas entre parlamentares, é provocada de maneira interventiva, com nossa única arma para esse momento de luta: a Arte.



Título de Notícia de 22/12/2016

Fonte: Agência Brasil

Diante de uma famosa crise a qual o governo sempre fez questão de usar em suas justificativas, porém aconselha que nela não seja pensado. Surgem propostas que revogam direitos conquistados pelos trabalhadores, pois se afirma que estes direitos andam dificultando a geração de empregos em um país que precisa trabalhar para superar seus déficits. Ou seja, para o governo, é necessário reduzir os ganhos de um povo que já ganha pouco, mas o trabalho tem que aumentar. Pensando em uma lógica de dois extremos, onde um se trata de trabalhadores com remuneração digna, trabalhos que não prejudiquem o seu bem estar e que possam manter uma vida saudável e o outro se trata de um trabalho escravo em regimes de subnutrição, o governo Temer caminha em direção ao segundo, onde há mais trabalho e menos recompensas.



Título de notícia de 05/12/2016

Fonte: Folha de São Paulo

Outro fardo posto em nossas costas é um suposto déficit referente à previdência social, onde se afirma que, nas condições atuais, não pode mais ser sustentada. Assim, o trabalhador brasileiro precisa trabalhar por mais alguns anos antes de se aposentar. De modo mais claro, ele precisa aproximar mais o dia da sua aposentadoria do dia da sua morte.

DE TODO MODO, NINGUÉM PODE AMANHÃ: movimentos sociais e movimentos de apatia.

O processo teatral que gerou o espetáculo interventivo “Ninguém Pode Amanhã” se deu na disciplina de Montagem Cênica I, de forma coletiva junto às diretoras Pricilla Conserva e Quézia Araújo. Em si, harmoniosa e agradável, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais passamos. A ideia de fazer uma montagem cênica voltada para as questões políticas, de grande marco histórico para o país e em diálogo com os movimentos sociais da cidade de Manaus era um grande desafio, porém acreditamos que seria necessário - a partir do que aprendemos e das inspirações teóricas do Teatro Político - voltar os olhos para esta questão, diante da caótica situação da política no Brasil.



Marcha das Mulheres em Manaus

Fonte: Acervo pessoal

O primeiro passo foi estar presente nas manifestações, dialogar com os participantes e analisar sinesteticamente todo o seu processo: seus sons, imagens, espaço utilizado, duração, quais os membros mais ativos ou que mais chamavam atenção, até mesmo o seu cheiro e a sensação de estar presente em meio a todas aquelas pessoas, principalmente as que as que dividiam o espaço sem estar se manifestando, as quais podem ser ditas como públicos das manifestações.

A prática e a mesa

Um trabalho artístico com uma temática direta e escancarada a ponto de expor a fala “FORA TEMER” em sua dramaturgia, também passa pelas mesmas críticas que sofre o *ativismo* desde sua origem nos anos 60, visto que este trata de um posicionamento de vida, algo no qual o artista vai à luta, e partindo deste princípio acaba por ser “apelidada” de arte panfletária, usando-se deste termo como forma de diminuir o trabalho no meio artístico e até mesmo julgar o artista, afirmando que este está usando a arte como ferramenta para militância. Porém, o que não foi contemplado nesta forma de pensar, é o grande número de descobertas que se pode ter ao aproximar seu processo artístico do processo de militância dos MOVIMENTOS SOCIAIS, analisados neste artigo, em uma experiência no contexto manauara.

Quando iniciamos o processo, antes mesmo de pensar em alguma montagem cênica, buscamos entender como as pessoas dentro e fora de nossa “bolha social” reagiam às mudanças que aconteciam de forma abrupta no país. Haja vista que se fala de mudanças na legislação nacional, emendas constitucionais, projetos de leis, medidas provisórias, dentre outros termos aos quais não éramos tão adeptos das discussões. Eram como tiros que surgiam de um lado e de outro, mas que, aos olhos deste diretor e pesquisador, contemplavam perfeitamente o “*Intertexto*”, de Bertolt Brecht (1898-1956), no qual poeticamente se afirma que enquanto não se é atingido diretamente, você não se importa. Sem generalizar a sociedade, mas percebendo um dos fatores mais presentes: a apatia. Provocação esta que posteriormente influenciou a dramaturga Pricilla Conserva a escrever o poema “Ninguém pode amanhã”:

[...]
Convocamos! Exercito de inertes
Convocamos! Desvairados, loucos, doentes, poucos, ridículos, comunistas, lunáticos,
manipulados, doutrinados, feminazis, gayzistas, todas, todos, achando que podem
Ninguém pode
Repetem
Ninguém pode amanhã!
[...]

Trecho do poema “Ninguém Pode Amanhã” de Pricilla Conserva

A apatia se tornou o ponto de partida da pesquisa para o processo criativo. Mas o “ninguém pode amanhã” não foi a primeira escrita, ele chegou após um demorado processo. A prática iniciou com o processo de deriva. Um estilo de exploração geográfica inspirada em oficina com o Grupo Vertigem, de São Paulo, o qual apresentou o espetáculo “O Filho”, em Manaus. O grupo nos incentivou a direcionar um olhar diferente sobre a rua, e mesmo à rua, um olhar diferente sobre nós. Nesta oficina, os exercícios de deriva nos davam uma função e um modo de executá-la: sair em grupo de mãos dadas sem poder soltar um do outro, andar de costa ao redor do quarteirão da universidade, sair em busca de objetos e escrevendo na rua pedindo ajuda das pessoas. Esse novo contato chamava a atenção de quem nos via, ora, não é comum ver um grupo de pessoas andando para trás, por exemplo. E, ao mesmo tempo, era experimentação de novas possibilidades, “um salto no vazio” como diria Anne Bogart.

Todo ato criativo implica num salto no vazio. O salto tem que ocorrer no momento certo e, no entanto, o momento para o salto nunca é predeterminado. No meio do salto não há garantias. O salto muitas vezes pode provocar um enorme desconforto. O desconforto é um parceiro do ato criativo - um colaborador-chave. Se o seu trabalho não te deixa suficientemente desconfortável, é muito provável que ninguém venha a ser tocado por ele. (BOGART, 2011, p.115).

A deriva, método adotado para o processo criativo, é um exercício no qual se tem um início definido, com um caminho sugerido e uma possível chegada. Através da deriva, se permite o encontro com o acaso e as possibilidades de criação se multiplicam. O processo de deriva, associado à observação do espaço do Centro de Manaus, antes, durante e depois das manifestações, nos levou a refletir sobre as pessoas de fora de nosso meio social, tendo em vista a proximidade com Movimentos Sociais presentes em manifestações e lutas pela manutenção de direitos conquistados ao longo de muitos anos.

O trabalho consistia em sair por um espaço, caminhando juntos buscando registrar na memória elementos que mais chamassem a atenção. Perceber o espaço e suas linguagens, e escrever no método da escrita automática que consiste em, ao fim do exercício, e com tempo limitado, escrever tudo que vem à cabeça ao lembrar-se do que acabou de ser realizado. Como delimitação para a realização das derivas, escolhemos o bairro Central de Manaus, onde encontramos áreas comerciais, escolas, faculdades, moradias de classe alta, média, baixa,

casas proporcionadas através de programas do governo, entre outras variações geográficas. Caminhamos pelos arredores da ESAT e proximidades da praça do congresso.



Denner e Quezia em exercício na praça do Congresso

Fonte: Acervo do coletivo

Como proposta da co-diretora Pricilla Conserva, iniciamos a experimentação com o tecido em interação no espaço urbano. Caminhávamos amarrados pelo espaço e experimentávamos também o contato com os que lá transitavam. Assim, criamos uma cena na qual experimentávamos uma relação de controle através do tecido, uma analogia às relações de poder de origem espontânea. Nossa primeira experiência em meio a uma manifestação obteve leituras interessantes a partir da escritura cênica. Então o que antes eram escritas do que observamos em deriva, se tornou texto, na forma do “Vendo” de Pricilla Conserva:

[...]

Vendo calcinha, sutiã, três meias por 5

Vendo imagem vendo

Tudo passar

Não há mais veneno

Vendo ratos

Vendo seis por meia dúzia

Vendo 49 anos passarem

Vendo a foice e o martelo

Vendo o lápis e o caderno

Vendo os olhos

*Vendo a boca
Vendo
Vendo
Vendo
Vendo direito
Vendo devendo vender o que nem posso comprar
[...]*

Trecho do poema “Vendo” de Pricilla Conserva

Agora com o texto a cena começava a se formar, porém um choque nos tocou enquanto criadores. Aos poucos nos encaminhávamos para um processo de Teatro de Rua. A criação de cenas e ensaios em espaços abertos estava sendo interessante, mas não contemplavam nossos projetos poéticos, pois queríamos criar quadros de interrupção na realidade de um espaço, que pudessem impactar e ao mesmo tempo aproximar: uma intervenção urbana. Essa proposta implicava numa criação bem mais aberta da qual não se tem uma sinopse cênica que convide um público, mas sim que chegue sem ser convidado. Uma plasticidade criada através da pesquisa e que não precisasse ser assistida do começo até o fim para se compreender a proposta. Portanto, era hora de tomar uma decisão.

Em mais uma reunião de mesa, o termo “quadro interventivo” tomou posse do processo. Quadro interventivo parte do princípio da criação de uma imagem que carregue a informação. É como um retrato que carrega uma mensagem, onde as pessoas olham e leem, e não dependem um do outro. Não é preciso assistir desde o primeiro para entender o último, não é uma história sendo contada, mas sim um alerta sobre a história que está sendo vivida.

O coletivo já contava com a contribuição de Daniel Bomfim, estudante de música e membro ativo da Frente de Lutas Fora Temer Manaus e Coletivo Rosa Zumbi, assim como Pricilla Conserva. Ele e ela foram nossa porta de entrada para um diálogo mais forte com os movimentos sociais presentes na luta contra as medidas do atual governo. Enquanto diretor do processo e também representante do coletivo Bela Baderna participei de reuniões e de atos, como forma de imersão na luta e experiência necessária para o processo criativo.

Um cuidado necessário foi o de não parecer que estávamos chegando ali tentando ensinar como se manifesta, mas sim criando um espaço de diálogo entre as duas linguagens. E uma descoberta interessante é que ali já havia esse diálogo com a capoeira, o maracatu, algumas bandas de música, e outras manifestações artísticas. Ou seja, não estávamos tão distantes. Outro cuidado então foi o de não parecer que estávamos dispendo a nossa arte como

ferramenta para as manifestações, pois, enquanto artistas, nós damos muito valor ao que fazemos.

Com a data para a primeira paralisação nacional marcada, foi sugerido em reunião com a Frente de Luta Fora Temer Manaus a participação do nosso coletivo com uma intervenção artística, para isso seria necessária a convocação de algumas pessoas a estarem algumas horas antes do ato no prédio anexo da ESAT/UEA, espaço utilizado para ensaios. Entretanto, o coletivo que realmente se fez presente neste dia foi o Rosa Zumbi (CRZ). Como nossa primeira abordagem em meio à organização, mesmo sendo anunciada nas redes sociais das frentes de luta e compartilhada por nossos contatos, a oficina ainda não atraiu públicos de outros coletivos. Todavia, ainda era possível ser realizada. Neste momento também contamos com o apoio de Thiana Colares, Thalia Barbosa, Bia Lopes e Iago Luniere.

Trabalhamos com jogos para atores e não atores, sob a perspectiva da direção pedagógica. Um aquecimento para começar e depois o jogo da máquina, onde uma pessoa inicia fazendo um movimento e um som e as outras entram completando este movimento com outro movimento, a fim de formar uma grande máquina onde cada jogador é como se fosse uma das engrenagens. E, na criatividade de nossos participantes, logo se remeteu ao Distrito Industrial, onde as pessoas trabalham bastante e sofreriam graves consequências a partir da reforma trabalhista.

Outra proposta foi criar um quadro interventivo com alguns materiais que havíamos recolhido: caixas de papelão, sacos de lixo, garrafas e jornais. Logo surgiu a ideia de por as caixas na cabeça enquanto liam o jornal, remetendo a uma cabeça quadrada e sem visão. Mais uma vez, na criatividade de nossos participantes, foi idealizado que as caixas deveriam ter o símbolo de uma emissora de televisão, pois a mídia apoiava os opressores no processo de alienação do povo.



Ato durante a greve geral do dia 28 de abril de 2017

Fonte: Acervo pessoal.

Após a oficina seguimos para a manifestação onde já havia uma enorme multidão em deslocamento para praça do congresso. Parecíamos pequenos em meio a tantas pessoas e chegamos a pensar que poderíamos passar despercebidos. Os membros do CRZ queriam se aproximar de seus colegas de outros coletivos para gritar em manifestação, coube a nós evitar a dispersão e encontrar um espaço para nos inserir com a apresentação.



Final da Apresentação durante a Greve do dia 28

Fonte: Acervo pessoal

Ao chegar na praça do congresso, as pessoas abriram um espaço e usamos este para nos inserir e apresentar a sequência elaborada durante a oficina. Eram muitas pessoas assistindo, algumas até tentando se inserir no processo. Ouviam-se as pessoas arriscando uma leitura: “*Eles estão falando da mídia, né?*”. Deste modo, diante da cena e do contato, começamos nos tornar mais evidentes entre os coletivos e ampliar o diálogo.

Continuamos participando de reuniões com a frente de luta e em contato com outros coletivos, assim como continuamos a aperfeiçoar os quadros interventivos, com derivas nas proximidades da praça do congresso e ensaios de corpo e dramaturgia em sala fechada. Até que, em junho, às vésperas da segunda paralisação nacional, nos deparamos com a proposta de um ato cultural no espaço da ESAT/UEA. Essa proposta surgiu a partir da nossa

participação na frente de luta, enquanto artistas e a memória da ocupação² feita pelos estudantes desta unidade no ano de 2016.

Desta vez, o Palco manifesto recebeu a Frente de Lutas Fora Temer Manaus como público. Apresentações de dança, balé aéreo, cenas de teatro e poesia. Nos intervalos, algumas falas em microfone sobre a situação do país e os movimentos de resistência. O resultado disso veio no dia da segunda greve geral. Diante da desistência de alguns sindicatos, chegaram cogitar o cancelamento do ato, porém nosso coletivo já havia proposto a primeira experimentação do Ninguém Pode Amanhã no dia e muitos falaram em nosso nome. Assim, surgiu a ideia do que foi chamado de ato cultural, assumindo um outro modelo de manifestação, com foco nas apresentações artísticas.

Ações em processo

A escritura cênica foi alcançada através do diálogo, após esta primeira etapa do processo de pesquisa, tendo assim o seguinte roteiro levado ao público no dia 30 de junho de 2017, durante a segunda greve geral do mesmo ano, onde estavam presentes todos os coletivos unidos para pedir o fim do governo Temer e suas medidas contra o povo.

O SOM DO LEVANTE



Levante Popular da Juventude
Fonte: Coletivo Rosa Zumbi

² O termo ocupação aqui se refere um tipo de manifestação onde se ocupa um espaço público por um determinado período a fim de modificar as atividades que ocorrem ali ou até mesmo paralisá-las em forma de protesto.

Durante toda a apresentação contamos com a participação da batucada do Levante Popular da Juventude, uma batida que sempre se destaca nas manifestações e é bem conhecida entre os movimentos sociais participantes.

OS GUARDA-SÓIS AMARELOS



Caminhando pela Avenida Eduardo Ribeiro

Fonte: Acervo do coletivo

Esta intervenção se tratou de uma caminhada pela Avenida Eduardo Ribeiro, um dos pontos principais do Centro Comercial de Manaus, com guarda-sóis amarelos e roupa branca, entregando recados “diretamente” do congresso nacional. Nos papéis estavam escritas frases como “*Com todo nosso carinho, acreditamos que você merece trabalhar 12 horas todos os dias e levar quarenta anos para se aposentar*”. Entregamos de forma afetuosa, como a imagem de um cordeiro que entrega o recado dos lobos, tentando formar um contraste entre a ação e a mensagem. O corpo militante dos artistas abria espaço uma ação teatral onde o corpo se mostrava apático às notícias, do mesmo modo como nos deparamos durante algumas derivas, onde enquanto uns protestavam contra o fim de seus direitos, outros sorriam e faziam festas.

NINGUÉM PODE AMANHÃ EM POEMA



Posicionados próximos ao mastro proibido

Fonte: Acervo do coletivo

O nome é o mesmo do poema escrito pela Dramaturga e co-diretora Pricilla Conserva. Frases em forma de comentários ou respostas que muito ouvimos durante o processo, tanto como artistas quanto como militantes, como artivistas. Pessoas afirmavam que quem é contra as reformas propostas pelo governo Temer são vagabundos que não querem trabalhar - gente de esquerda, esquerdopatas, gayzitas, feminazis, etc. Por outro lado, mesmo de quem se dizia ao nosso lado na luta, era impedido por uma linha infundável de desculpas. Ao fim, ninguém podia no dia anterior, porque tinham que cuidar de alguém, assim como no mesmo dia, porque estava trabalhando ou estudando, tal qual no dia seguinte não poderiam, porque já tinham algo marcado. Nas bases o que se ouvia era que não se podia, talvez porque o poder estava todo concentrado em Brasília, onde cada vez mais se fazia o que queria. Assim, na forma de um poema isso se repetiu na Praça do Congresso de Manaus, em meio a uma manifestação junto à Frente de Lutas Fora Temer.

A ideia inicial implicava na ocupação no espaço do mastro onde deveria estar hasteada uma bandeira, porém nada se via. Logo descobrimos que talvez a bandeira não estivesse ali por ser proibido o uso daquele espaço. Um senhor, se apresentando como responsável pelo local pediu para que nos retirássemos e não utilizássemos aquele espaço. Nós estávamos ali com a prerrogativa de que era um espaço público, mas isso não era o suficiente e, após uma breve discussão, tivemos que ceder e ir à busca de uma autorização. Com a organização política dos movimentos sociais foi bem mais fácil chegar a quem poderia conceder a autorização, porém mesmo assim, a ordem era clara, poderíamos usar qualquer espaço da

praça, menos o espaço do mastro. Ninguém podia usar o mastro. Assim, o texto de ninguém pode amanhã ganhou mais este acréscimo do “não poder”.

O SONHO DA APOSENTADORIA



Tentando alcançar os estandartes da aposentadoria

Fonte: Acervo do coletivo

Em cena, Quézia Araújo e eu nos enrolamos em um tecido e nos posicionamos cada um em uma de suas extremidades. O Levante Popular da Juventude, com seus instrumentos já reconhecidos nas manifestações da cidade, iniciou agitou para que o atores Keven Sobreira e Paco Junior levantassem estandartes onde estava escrito APOSENTADORIA. Enquanto amarrados no tecido, tentávamos alcançar os estandartes enquanto quem os levantava dançava zombando de nossos esforços. Um quadro interventivo com uma informação bem direcionada. Como eu e Quézia corríamos em direções opostas, nunca conseguiríamos alcançar nossos objetivos. Enquanto brigávamos entre nós, quem estava no poder apenas sorria e dançava.

A MÁQUINA HUMANA



A máquina

Fonte: Coletivo Rosa Zumbi

A máquina que surgiu na oficina junto ao Coletivo Rosa Zumbi, com base nos exercícios propostos por Augusto Boal, foi repetida durante o ato do dia 30 de junho, desta vez com espaço aberto para entrada dos presentes na manifestação. Tal qual sugerido durante a oficina pelos participantes, a máquina sugeria o ambiente de trabalho do distrito industrial. Como dramaturgia textual, escolhemos utilizar a repetição da fala do ilegítimo presidente “Não pense em crise. Trabalhe!”.

ALIENAÇÃO PELA MÍDEA



Caixas para por na cabeça
Fonte: Coletivo Rosa Zumbi

Mais um reflexo da oficina com o Coletivo Rosa Zumbi, este quadro reflete sobre o controle midiático que há sobre a opinião pública. Os participantes colocam as caixas com símbolos de emissoras de TV na cabeça e se espalham pelo espaço, posicionando-se para ler um jornal. A caixa não possui abertura para olhos e não é possível ver o que está sendo noticiado.

VENDO



O vendo

Fonte: Coletivo Rosa Zumbi

O poema vendo foi recitado por mim enquanto carregava Quézia Araujo por uma parte da praça em direção ao monumento em homenagem ao papa dos trabalhadores. Ela estava de olhos vendados e levava a constituição erguida, enquanto eu jogava com o sentido da palavra vendo, em meio à crise entre do ver e apatia das pessoas.

A HISTÓRIA DE UMA REPÚBLICA



Pichação em corpos
Fonte: Coletivo Rosa Zumbi

A constituição foi lida e rasgada em frente ao monumento em homenagem ao Papa dos trabalhadores. Os trechos selecionados foram os que falavam sobre os direitos dos trabalhadores e o “bem estar” social garantidos pela mesma. Os trechos rasgadas eram colocados em minha boca e tentavam me fazer engolir. Ao fim, nos deitamos em cima do tecido utilizado nos primeiros quadros, enquanto Pricilla pichou a frase ARTE RISISTE em nossas roupas e no tecido.

DAS PALAVRAS DE RECONFORTO VINDAS DE QUEM SE ACOSTUMOU A LUTAR

"É importante registrar que esta praça é pública e quantas vezes forem necessárias o movimento social vai ocupá-la. Porque o nome dessa praça é praça do congresso e não é à toa. Porque é aqui que o povo vem, se Manifesta e fala. E a partir de agora, companheiros e companheiras, estou vendo um olhar diferente para as manifestações. Nós vamos ter agora junto com as falas políticas a participação cultural. É teatro! É música! É dança! É capoeira! São Artes Marciais! Agora, a poesia toma conta do sangue militante. E a partir do momento que o protesto vira arte, o protesto é imortal. E assim que nós vamos gritar: FORA TEMER!"

Professor Jonas Araújo

Fonte: Transcrito do vídeo elaborado pela página do Coletivo Rosa Zumbi

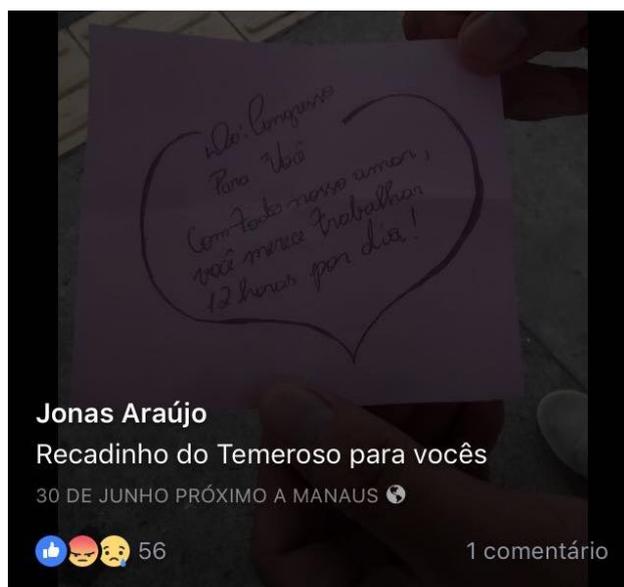
Jonas Araújo, membro do movimento *Vem Pra Luta Pela Educação* e do *Coletivo Rosa Zumbi*, é especialista em Ética e Política pela Universidade Católica de Pernambuco e atualmente atua como professor, pela rede municipal e estadual, em Manaus. Há anos Jonas participa de atos de manifestação política em Manaus e após acompanhar parte de nosso processo criativo e assistir a apresentação no dia 30 de junho, fez a declaração acima. Este retorno nos foi dado também por outros participantes da manifestação. Com isso, percebemos o grande diferencial que o Teatro pode trazer às manifestações. Um amadurecimento da poética manifestante com reformulação estética, aproximando ainda mais o público em geral, pois o objetivo dos atos não é afastar, mas sim agregar mais pessoas. Unir o povo em um trabalho coletivo, tal qual nossos processos teatrais que nos uniram na criação do Coletivo Bela Baderna.

O retorno do público é de fundamental para a “finalização” do espetáculo, contribui Garcia:

A finalização dos espetáculos dá-se necessariamente no contato com a comunidade. É a partir das reações do público durante a peça, das enquetes, das entrevistas e debates que o espetáculo vai sendo aparado, transformado, aforado. Tanto os grupos sabem disso que permitem que o espetáculo estreie não inteiramente acabado, às vezes com tempos excessivos de duração, no aguardo do julgamento soberano do público, que dará as diretrizes dos cortes e ajustes. (GARCIA, 2004, p. 187)

O caráter interventivo acabou sendo modificado dentro da manifestação, visto que tivemos que informar aos organizadores do ato e estes buscaram criar um ambiente receptivo,

com anúncio de chegada e posicionamento de público, além da intervenção dos responsáveis pela praça que neste dia resolveram impor todas as suas burocracias a fim de evitar que ali acontecesse uma manifestação. Mas ao mesmo tempo, pode se perceber que os outros coletivos realmente queriam estar com a gente naquele momento.



Print da publicação de Jonas Araújo em sua rede social

Fonte: Acervo pessoal

A resposta do público ao nosso trabalho se propagou pelas redes sociais positivamente. Ao que parece, a mensagem presente na dramaturgia das cenas ficou clara para o público e em seus registros foi vista a possibilidade de ser passada à diante. Na imagem acima, por exemplo, podemos ver que Jonas repassou para seus contatos da rede social na internet.

Nas mesas de bares, na internet, nas reuniões das frentes de luta, entre outros lugares, recebemos elogios e reconhecimento. O diálogo ampliado gerou convites para oficinas em comunidades, na Universidade Federal do Amazonas e em escolas. Também fomos convidados a reuniões e planejamentos de próximos atos. Uma porta aberta para outros artistas que também queiram fazer parte destas lutas junto aos coletivos de militância.

REFERÊNCIAS:

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. Routledge. Editora Wmf Martins Fontes. São Paulo: 2011.

DELGADO, Manuel. Artivismo y pospolítica. **Sobre la estatización de las luchas spciales em contextos urbanos**. GRECS. Universitat de Barcelona (UB). N. 18. Barcelona: 2013.

GARCIA, Silvana. **Teatro da Militância**. Editora Perspectiva. São Paulo: 2004.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). **POR QUE GRITAMOS GOLPE? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. Boitempo. São Paulo: 2016.

MELO, Marcela Araújo. **Textos urbanos: dispositivos de emoção para transformação social**. Estudos em Design. V. 24. N. 3. Rio de Janeiro: 2016.

RANCIERE, Jaques. **A política da arte**. Perforpraticas. São Paulo: 2011.

RAPOSO, Paulo. **Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências**. Caderno de Arte e Antropologia. V.4. N. 2. Lisboa: 2015.

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. **Artivismo: Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural**. Dissertação de Mestrado. UPFBA. Porto: 2007.